

ENCONTRO REVELADOR

DURANTE OITO MESES A AUTORA MARGARIDA BOTELHO MERGULHOU NO MOÇAMBIQUE MAIS PROFUNDO E AJUDOU 400 PESSOAS A CONSTRUIREM LIVROS COM AS SUAS HISTÓRIAS DE VIDA. ENCONTROS QUE REVELARAM O SENTIDO DA SUA ARTE.

TEXTO ANA SOFIA RODRIGUES
FOTO LUÍS PITEIRA/AFFP

Imagine um livro em branco que se transforma numa linha de tempo. Nas primeiras quatro páginas duplas registre as quatro memórias mais marcantes da sua vida, da mais antiga à mais recente. O passado encontra-se com o presente nas folhas centrais, onde é tempo para desenhar um auto-retrato. Vire o livro. Abra e revele quatro sonhos para o futuro. Do mais longínquo ao mais próximo. Novamente, ao chegar ao meio, outro auto-retrato. “Fica sempre diferente do anterior, porque quando regressamos do futuro já não somos iguais”, diz Margarida Botelho, a autora deste projecto. As duas folhas do meio ainda se abrem mais uma vez e lá dentro o “eu a crescer” encontra-se com o “eu que sabe o futuro” e entram num diálogo imaginário. Com a ajuda de Margarida, 400 pessoas já encheram estes livros em branco. Em resposta ao repto “conta-me a tua história”, os cadernos transformam-se em ferramentas de auto-consciência, de comunicação com os outros e de auto-determinação. Para a criadora

do projecto “Encontros” tornou-se uma experiência de auto-descoberta. Tudo começou com uma tese de mestrado. Margarida Botelho, premiada autora de livros para a infância, queria trabalhar “a ligação das pessoas com o processo de criação das histórias”, num lugar “o menos contaminado possível em relação à cultura visual”. Com o apoio da Unesco e da Direcção-Geral das Artes, partiu para Moçambique com uma mochila cheia de livros em branco, pincéis, lápis, tintas e “a ingenuidade própria de quem vai para África pela primeira vez”. Chegava às comunidades e ficava na casa dos que a recebiam. Com eles acordava, “mata-bichava”, apanhava mangas, trabalhava na roça, ia buscar água. “Era sempre a que vem de fora, mas conquistei a sua confiança”. Durante um mês, ajudava-os a construir os seus livros. De crianças de cinco anos a idosos de 80, de licenciados a analfabetos. Por vezes juntava famílias inteiras: as crianças a escrever, os mais velhos a desenhar, surgindo “momentos mágicos de partilha de

<http://www.ginkgo.pt>

histórias até então desconhecidas”. A experiência foi levada ao limite no campo de Maratane, na província de Nampula. “Foi incrível montar o projecto num campo com cerca de 5.000 refugiados. Para alguns foi uma catarse de emoções. Agarravam o livro, escreviam e não paravam”, recorda. E escreviam com uma letra muito pequena, numa lógica de economia da folha. Queriam aproveitar ao máximo. Era para durar para sempre. “Sei que para eles foi um encontro que dignificou e valorizou a sua vida, mas para mim foi uma charneira!”. Descobriu uma enorme capacidade de adaptar-se às situações, de estar feliz em qualquer lado. “Percebi que trago a casa dentro de mim”. Com uma bolsa de mérito, já replicou os “Encontros” na Amazônia e em Bali. Quando regressou, nas últimas páginas do seu livro, desenhou uma Margarida-avó, muito velhinha, num lugar cheio de mar, rodeada de pessoas de todas as idades, “contagiadas pelo meu exemplo de fazer sempre coisas de que gosto muito”. ■

Em Moçambique a autora Margarida Botelho descobriu que pode ser feliz em qualquer lado. “Trago a casa dentro de mim”

